

A Construção Social da Doença¹

Débora Évelin Ferreira Monteiro
E-meio: debora.evelin.unir@hotmail.com
Acadêmica do Curso de História da
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Dante Ribeiro da Fonseca
E-meio: zeliafonseca@brturbo.com.br
Prof. Dr. do Departamento de História da
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Resumo.

O objetivo da pesquisa se concentrou em buscar nas fontes primárias as teorias raciais que associam o conceito de raça ao de doença durante os séculos XVIII e XX, rastreando a origem e evolução das principais moléstias que afligiam não só os negros escravizados como também os indígenas no espaço amazônico. Vale ainda ressaltar a relevância da pesquisa, dada a escassez de estudos, de dados e de documentação no tocante à vinculação das questões étnico-raciais e sanitárias na Amazônia. Desde o período colonial até grande parte do segundo reinado as doenças e a saúde são caracterizadas, associadas e identificadas através de fatores raciais e étnicos vigentes. Assim a saúde é caracterizada como um fator social e a doença passa a estar relacionada com a natureza biológica. O estudo crítico dos viajantes que percorrem a Amazônia entre os séculos XVIII e XX revela, contrariamente, que a questão fundamental das doenças na Amazônia não se vinculava à “fraqueza biológica” de determinadas “raças”, mas a fatores sociais e ambientais que as propiciavam.

Palavras-chave: Teorias raciais, populações afro-amazônicas, doenças.

Introdução.

¹ Este artigo é baseado num estudo divulgado anteriormente no V Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, IV Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia" e XV Semana de Educação da Ufac.

Doenças dos Escravos na Amazônia é um estudo que contempla as questões relativas ao povoamento de Rondônia, dando ênfase à problemática do papel das populações negras nesse processo. Foram essas populações até pouco tempo esquecidas pela historiografia, não só rondoniense como também brasileira. A escassez de estudos, de dados e de documentação no tocante as questões étnico-raciais no Brasil é notória, sobretudo no que se refere à problemática de cor, raça e identidade. Somente recentemente o mundo acadêmico passou a tratar com mais ênfase esses temas, hoje na pauta das políticas públicas, que são atuais e muito recorrentes quando se trata da questão de negritude. É nesse sentido que se concentra a relevância da pesquisa, ao buscar contribuir com posteriores estudos no tocante as questões étnicas e raciais.

Dessa maneira a proposta de pesquisa é buscar partir de novas perspectivas historiográficas, a origem e a evolução das doenças no espaço amazônico. Por conseguinte, pretende-se realizar um levantamento não só bibliográfico como também documental a respeito das enfermidades que assolaram a Amazônia. A partir desse levantamento, poderemos caracterizar os princípios que norteavam o entendimento das doenças e quais eram as principais práticas de cura identificadas por essas fontes.

O problema de pesquisa é que essas doenças são atribuídas por certa historiografia à origem africana. Assim, o objetivo da pesquisa, é o de rastrear nas fontes primárias e secundárias da história as principais doenças de forma a confirmar ou não esta hipótese, de resto pouco convincente, na historiografia consultada.

O método de trabalho constitui-se em determinar a origem e a evolução das principais doenças que afligiam as populações amazônicas até o século XIX de forma a confirmar ou não sua origem africana. Além disso, perceber suas concepções e práticas de cura, tanto por parte do saber médico como por parte do saber popular, isso em uma investigação nas fontes bibliográficas específicas.

O segundo momento da pesquisa constitui-se pela busca de documentos primários, representados nesta pesquisa pelas cartas e

crônicas de viajantes que percorreram a Amazônia no século XIX, que avaliam as condições sanitárias da Amazônia. A partir da leitura e análise destes, pretendeu-se alcançar e consolidar algumas discussões propostas inicialmente no relatório parcial ao desenvolver maiores análises as fontes documentais, já que esta proporciona conhecimentos pouco divulgados pela literatura brasileira e que nos permite identificar a propagação das enfermidades na Amazônia.

A Construção social da doença: a associação de raça à doença.

Os séculos das luzes e, por conseguinte os avanços da medicina que buscou compreender o funcionamento do corpo humano e combater com eficácia as enfermidades, não tiveram impactos somente sobre o corpo do indivíduo, pelo contrário a medicina nesse momento passou a se direcionar cada vez mais para a saúde da população considerada como um todo. Dessa maneira, ao contrário da concepção hipocrática, que propunha compreender a natureza da doença em termos individuais, a racionalidade iluminista, passa a aprender a saúde como fator social, que amplia assim o campo normativo das ciências médicas.

As moléstias que afetaram o Brasil no final do XVIII e início do século XIX foram associadas com o grande movimento de miscigenação que a nação passara, o que implicaria na concepção de alguns médicos e sanitaristas de que a miscigenação levaria a deterioração das raças. Dessa maneira, ocorre a chamada “ditadura sanitária”, como resposta a realidade do país, na qual médicos e sanitaristas insistiam em uma primazia de sua atividade frente à vontade do indivíduo em nome dos desígnios da coletividade.

É a partir dessa conjuntura que se pode compreender como ocorre o “problema negro”. Os negros, escravos, africanos, se tornam “classes perigosas” e passam a ser objeto da ciência. É pela ciência que se define a diferença e a inferioridade. A questão fundamental estava na “fraqueza biológica” de determinadas raças, que seriam mais propícias ou causadoras de doenças e epidemias no Brasil. Não se

tratava de combater as doenças, mas era o doente, a população, que estava em questão.

Nessa perspectiva a doença ao invés de ser um fator social passava a estar ligada à natureza. Dessa maneira, criou-se um sentimento geral, era necessário um ataque total aos elementos causadores de infecção no interior da sociedade e tornar assim salubre apenas um setor da população, a “classe branca”. O embranquecimento da população eliminaria a herança africana e com isso as doenças. Assim nas searas dos saberes e das práticas em torno da doença, da saúde e da cura é que se consolidam as explicações de cunho racial e determinista ambiental e que implicam na fundamentação de uma ideologia social das doenças no Brasil.

Da origem e evolução das doenças no espaço amazônico.

O pensamento médico do século XVIII era baseado na interpretação hipocrática da teoria humoral, depois interpretada por Galeno. A Natureza era constituída pela mistura dos elementos: ar, terra, água e fogo. Conforme a mistura desses elementos, resultavam as qualidades de seco, úmido, quente e frio, surge assim a teoria dos quatro humores do corpo humano. As diferentes combinações dos quatro humores e das quatro qualidades (quente, frio, úmido e seco) davam lugar aos aspectos qualitativos das doenças e indicavam o modo de ação dos medicamentos.

O naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira foi enviado pela Coroa Portuguesa para percorrer as capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato-Grosso e Cuiabá entre 1783 e 1792, para coletar informações de todo o gênero: botânicas, zoológicas, antropológicas, corográficas e econômicas. Nos seus estudos, também influenciado diretamente pelas teorias dos humores, procura entender os causadores das enfermidades na capitania do Mato Grosso. Destarte, informado por essa teoria busca esclarecer e entender as condições físicas da região caracterizando os terrenos com sua geografia e a distribuição hidrográfica, as qualidades do ar e das águas, descrevendo

os habitantes da terra e seus costumes, para depois, ao final do manuscrito discorrer sobre as enfermidades e sua terapêutica:

I.1. Quem quiser investigar corretamente a medicina deve fazer o seguinte: primeiramente deve levar em consideração as estações do ano e o que cada uma delas pode produzir. Pois essas não se parecem nada entre si, mas diferem muito delas mesmas, inclusive quanto às suas mudanças. 2. Em seguida, os ventos quentes e frios, sobre tudo os que são comuns a todos os homens. Depois os de cada região, os que são autoctones. Deve-se, então, levar em consideração as propriedades das águas, pois, assim como diferem na boca e em peso, também a propriedade difere muito em cada água. 3. Assim que alguém chega a uma cidade, é inexperiente sobre ela. É preciso estar atento à posição dela, a como está assentada, e aos ventos e aos nascentes do sol; pois não podem ter a mesma propriedade a (cidade) que está voltada para os boreas e a que se volta para o noto, nem a que se volta para o para o sol que se ergue e a que se volta para sol se pondo. 4. Acerca das águas, é preciso considerar da melhor maneira possível como elas são, e se as usam pantanosas e moles, ou duras, provenientes dos lugares altos e rochosos, ou ainda se as usam salgadas e crua. 5. E a terra, se é descampada e sem água, ou nemorosa e abundante em água, ou ainda se é uma depressão e é sufocante ou se é elevada e fria. E a dieta dos homens, o que lhes dá prazer; se são amantes da bebida, comem durante o dia e são inativos, ou se são amantes do exercício e do esforço e são vorazes e pouco bebem (CAIRUS, 2005, p. 94).

As observações dos viajantes da Amazônia remetem à verificação de que um dos principais meios de transmissão de doenças eram a atmosfera corrompida por miasmas com os relatos de Antonio José de Araújo Braga, cirurgião e também um funcionário da Coroa, as enfermidades mais comuns observadas à margem do Rio Negro eram sarnas, pústulas, tosses convulsivas, cólera e febres. Em sua maioria eram provocadas, supunha-se, pelos miasmas podres de que a atmosfera se acha carregada, pelo calor quente e úmido e pelas águas estagnadas do rio. Em outras palavras significa dizer que as descrições contidas nesses relatórios, estavam baseadas na teoria hipocrática dos humores, ao associar os males como dependentes do clima. Da mesma forma que Alexandre Rodrigues Ferreira:

Para melhor se entenderem as causas próximas e remotas, de que, procedem as *enfermidades* de toda esta capitania. Principiarei este opúsculo por uma breve *noção física* do país. De maneira, que a vista dela, possam os seus habitantes ajuizar sobre as qualidades do *céu* e do *terreno*,

onde vivem. Em outra parte (a) tenho mais circunstanciadamente dado as suas noções *políticas, geográficas e hidrográficas etc.* Conseqüentemente o que pertencia a esta, era o exame particular da natureza da terra, do ar, das águas etc. Contudo algumas noções daquelas repetirei, quanto baste, para inteligência destas.

Pelo caráter dos naturais (dizia eu a respeito dos habitantes da capitania do rio Negro, em participação de 28 de outubro de 1787, dirigida ao governador e capitão geral João Pereira Caldas) pela sua cor e fisionomia; pelas suas vozes e outros visíveis efeitos da influência do clima, pode-se logo ajuizar das qualidades do *céu* e do *terreno*, em que vivem. A cor, em quase todos os filhos dos brancos, ou sejam tais, ou mamelucos, é macilenta, as vozes débeis e desentoadas; e todos eles ociosos e negligentes. O que faz concluir que este nenhuma diferença tem para menos, do que se experimenta nos climas das outras colônias portuguesas, que estando situadas entre os trópicos são cortadas por caudelosíssimos rios, cobertos de altíssimos arvoredos.

Em os principais rios nomeados da América (diz o autor do *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos*, citando a *Brasília Medica* de Guilherme Pison) entra por todos os lados infinidade de outros rios menores. Com as continuadas chuvas, depois do mês de março, todos saem do seu álveo, inundam muitas terras a roda, a distância muitas vezes de três e quatro léguas: além destas continuadas chuvas, o clima é inconstante; por todo o ano chove, mesmo no dia mais sereno; o céu tempestuoso, com trovões, relâmpagos e raios. Mas estas inundações não são simplesmente de água; como todas levam consigo imensidades de árvores, ficam nos bordos, justamente com imensidade de peixes e animais terrestres: quando as águas entram no álveo dos rios, os campos ficam cheios de charcos; com o calor apodrecem, morrem neles os peixes com os corpos dos mais animais e vegetais: gera-se então imensidade de insetos, que todos vêm a apodrecer; e como o calor é quotidiano, mais se sutilizam cada dia, até que tudo convertido em vapores e exalações podres se desvanece na atmosfera.

Desta podridão provêm aquelas febres pestilentes, que chamam *carneiradas*, nas minas de Mato-Grosso, Cuiabá e Goiás. Da mesma origem vêm outros males, tão comuns a todo o Brasil, como são os insetos mais nocivos à saúde e outras moléstias vulgares...

No tempo dos calores, as diarréias e as disenterias aparecem e são mortais; e quanto mais a sezão dos calores estiver avançada, maiores estragos fazem aquelas doenças, porque os ardores do sol têm apodrecido já aquelas matérias das enxurradas e estão já todas tão utilizadas e espalhadas pela atmosfera, que ninguém se pode preservar da sua violência; reinam febres intermitentes, mas de natureza tão maligna, que se terminam ordinariamente por hidropisias e estão com a morte, muitas vezes se convertem em febres ardentes com delírios e morrem por parótides, pintas e carbúnculos ... (FERREIRA In: CARVALHO, 1966, pp. 1-2).

Ainda no início do século passado, um douto historiador das nosologias brasileiras, o médico Octavio de Freitas, afirmou:

Vindo das costas africanas, como tudo está demonstrando, ainda mais patente fica esta procedencia do primeiro acommettimento da febre amarella ás nossas plagas, tendo-se em vista uns documentos desencavados pelo Barão Guilherme Studart, de Fortaleza, que os fez publicar em 1895, São umas cartas trocadas entre o Marquez de Motebello, Governador de Pernambuco em 1691 e os Drs. João Ferreira da Rosa e Domingos Pereira da Gama, a respeito do mau estado sanitario da Província devido á importação da epidemia dos "males",

Tão convencidos estavam todos de sua procedencia africana que o Marquez de Montebello, recomendando todas as cautelas com as pessoas acommettidas da "Bicha", em terra ou a bordo dos navios mercantes, o fez, sobretudo, para que esta doença não se perpetuasse entre nós e "não se constituíam as povoações do Recife e Olinda hum S, Thomé". Ora, esta nova S, Thomé, que o arguto Marquez queria evitar a todo o custo, determinando o isolamento dos doentes desembarcados e a severa vigilancia dos navios sujos que chegavam da Africa, não está mostrando, com segurança, que o seu modo de pensar e o dos seus conselheiros technicos era ter sido daquelle porto que nos viera o mal indesejado?

Manoel dos Santos relata nos seus estudos que, antes da epidemia dos "males", raramente alguém adoecia de "febres malignas" nas povoações brasileiras e que a constituição medica do paiz se modificou por completo "com a multidão de escravos de Guiné, Minas e Angola, que continuamente entravam neste porto e delle se distribuíam por engenhos, serviços de casa e por negocio para as minas do rio de janeiro".

E não era somente o mal da "Bicha"! Tudo nos traziam as embarcações negreiras, segundo relata esse cirurgião licenciado: - o escorbuto ou mal de Loanda, as dysenterias, as diarrhéas, hydropsias, morphéa, cachexias, sarnas, ophthalmias e innumeras outras,

Não seria assim, para admirar que a salubridade tanto se houvesse modificado, embora continuassem bonançosos e salutaes os nossos decantados ares,

Em summa, o colono africano, vindo para o Brasil, trouxe-nos um grande numero de doenças, entre as quaes aquella que gerou, indubitavelmente, o nosso decantadissimo Geca-Tatu, de Monteiro Lobato, a muito conhecida "Frialdade",

Contem e cantem os outros os bons effeitos desta raça infelicitada pelas circunstâncias mesologicas e sociaes em que vivia, que eu irei pondo "um pouco de água fria" nestes enthusiasmos, muito justos talvez, fixando nestas aguadas paginas, o mal que o colono africano introduziu em nosso paiz (FREITAS, 1953, pp. 28-30).

Por conseguinte, desse estudo paralelo entre as narrações dos viajantes e médicos que descrevem a constituição física dos habitantes da floresta amazônica e as descrições das condições de saúde da África, podemos apontar um resumo geral das enfermidades que afetaram os povos da Amazônia isso a partir de cinco pontos característicos:

1. Que as condições sanitárias precárias facilitavam o aparecimento de enfermidades. De acordo com Alexandre Rodrigues as ocupações urbanas encontradas á beira dos rios amazônicos estavam longe dos ideais de salubridade mesmo para os padrões para a época.
2. Que os ameríndios do Brasil eram difficilmente acometidos por uma doença que não seja exclusivamente peculiar;

3. Tanto negros como as demais classes da população participavam dos males aí reinantes, dependentes do clima.
4. A maior mortalidade de índios era causada por uma peste introduzida pelos europeus, a varíola;
5. Que as descrições contidas nesses relatórios sobre as condições sanitárias da Amazônia, estavam baseadas na teoria hipocrática dos humores, ao associar os males como dependentes do clima.

As enfermidades e os saberes sobre o corpo das populações amazônicas.

Para todas as enfermidades presentes na região Amazônica existem os curandeiros, que observam as moléstias, que pela força do costume, aplicam a cada uma delas diversos remédios. Nesse afazer se empregam também algumas mulheres pretas, que têm o nome de curandeiras, cujos remédios pela maior parte, consistem no conhecimento de várias ervas e na aplicação delas às enfermidades.

Por quase todo o século XVIII houve uma carência de médicos e licenciados em todo o Brasil, a medicina estava nesse sentido entregue nas mãos de cirurgiões pouco preparados, barbeiros sangradores, que aplicavam ventosos e cáusticos, além dos enfermeiros, que tinham alguma prática em hospitais. Tornavam-se assim cirurgiões práticos, treinados pelas santas casas. Além disso, os progressos feitos pela medicina e pela farmacologia na Europa no século XVIII demoravam a chegar ao Brasil, onde o exercício da profissão encontrava-se defasado pelo contato escasso com o mundo europeu.

Nesse contexto histórico a medicina era acessível apenas a um grupo socialmente favorecido, uma vez que existia um forte determinismo das teorias raciais e ecológicas em relação à saúde. Além disso, os medicamentos possuíam elevadíssimos. Tal conjuntura dificultava ainda mais o acesso do grupo popular ao tratamento médico. Nessas condições as populações enfermas buscaram um tipo de arte médica não determinada pelo saber científico europeu para curar suas indisposições.

Essas atividades de curandeirismo, ou mesmo as práticas ritualistas empregadas com a finalidade de encontrar a cura de doenças foram registradas tanto em palavras quanto em imagens pelos viajantes que estiveram no Brasil no século XIX.

Essas populações embora não possuíssem nenhum tipo de conhecimento puramente teórico se apossaram de seu espaço, da floresta, para adquirir a cura de seus males. É no domínio material da farmacognosia, da matéria médica, que essas populações possuem numerosas experiências, em grande parte, talvez de uma antiga ciência natural ou tradições.

Em suma, a cura mágica representa para as camadas populares, um universo alternativo ao saber médico, já que na maioria das vezes o médico popular faz parte do mesmo grupo social de seu cliente, sendo capaz, portanto de compreender e incorporar a experiência de vida do indivíduo que o procura.

Considerações Finais.

A partir da bibliografia consultada entendemos que desde o período colonial até grande parte do segundo reinado as doenças e a saúde são caracterizadas, associadas e identificadas através de fatores raciais e étnicos vigentes. Assim a saúde é caracterizada como um fator social e a doença passa a estar relacionada com a natureza biológica. As descrições dos viajantes que percorrem a Amazônia entre o século XVIII e XIX revelam que a questão fundamental das doenças na Amazônia não estava na “fraqueza biológica” de determinadas raças, que seriam mais propícias ou causadoras de doenças e epidemias no Brasil. Mais sim em falta de estrutura sanitária adequada e também de uma medicina oficializada.

Fontes consultadas.

- a) Livros.

BURKE, Peter (org.). *A Escola dos Annales 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1991.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CAIRUS, Henrique F. & RIBEIRO JR., Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARR, Edward Hallet. *O que é história?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues s.d. *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*. In: CARVALHO, Glória Marly Duarte de. *Alexandre Rodrigues Ferreira: aspectos de sua vida e obra*. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Cadernos da Amazônia – 10, Manaus, 1966.

FONSECA, Dante Ribeiro da. *Estudos de História da Amazônia*. Porto Velho: Maia, 2007.

FREITAS, Octavio. *Doenças africanas no Brasil*. São Paulo: Companhia Nacional, 1953.

HEGENBERG, Leonidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Perspectivas históricas da educação*. In: *Concepções de História e Historiografia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp Von. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

MONTERO, Paula. *Magia e pensamento mágico*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

PARAGUASSU-CHAVES, Carlos Alberto. *Espaço e Doença na Amazônia Ocidental*. Porto Velho: Edufro, 2001.

b) Artigos e periódicos.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ABREU, Jean. *A colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das luzes e as informações sobre as enfermidades da América Espanhola*. Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais. Minas Gerais, sem data.

ABREU, Jean. *Das enfermidades e dos saberes sobre o corpo dos africanos no Brasil: Historiografia e apropriações. Historia e Perspectiva*.Uberlandia (32/33); 179-194.Jan.Jul/Ago.Dez.2005.

CARVALHO, D.M, de. *Doenças dos escravizados, doenças africanas. Usos do passado, XIX Encontro Regional de Historia-ANPUH*. Rio de Janeiro.

PÔRTO, Angela. *O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e praticas terapêuticas. Historia, Ciência, Saúde-Manguinhos*.Rio de Janeiro, v.13, n.4, p 1019-27.out-dez-2006.